

Extensão do catálogo STARLIGHT para o ultravioleta

André Luiz de Amorim

Orientador:

Prof. Dr. Roberto Cid Fernandes Jr.

• • •

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências Físicas e Matemáticas
Departamento de Física

Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Física da UFSC em preenchimento parcial dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Física.

Trabalho financiado pela Capes.

Florianópolis (SC) – 11 de novembro de 2011

Dedica

Agradecimentos

Agradece

Resumo

Com o advento dos mega-surveys, e o imenso volume de dados gerados por eles, surge a necessidade de desenvolver técnicas de data mining. Um exemplo bastante conhecido é programa STARLIGHT, que tem como entrada uma base de populações estelares simples e espectros de galáxias do Sloan Digital Sky Survey (SDSS), e gera como saída informações relacionadas ao histórico de formação estelar das galáxias. Baseada inteiramente no espectro óptico, esta análise serve de guia para interpretar dados em outras faixas espectrais para galáxias de diferentes tipos (como as que estão formando estrelas, as galáxias ativas de diferentes classes, as passivas e as aposentadas). O atual data release do Galaxy Evolution Explorer (GALEX) inclui o crossmatch com os objetos do SDSS. Isso permite correlacionar as informações resultantes do STARLIGHT com dados de fotometria no ultravioleta. Este trabalho...

Abstract

TODO: Abstract.

Sumário

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | Introdução | 1 |
| 1.1 | A nova era da astronomia | 1 |
| 1.2 | <i>STARLIGHT</i> e o <i>SDSS</i> | 2 |
| 1.3 | Buscando o ultravioleta | 6 |
| 1.4 | Este Trabalho | 6 |
| 2 | O <i>Galaxy Evolution Explorer (GALEX)</i> | 7 |
| 2.1 | Objetivos do <i>GALEX</i> | 7 |
| 2.2 | Histórico do estudo do céu no ultravioleta | 10 |
| 2.3 | Resultados obtidos pelo <i>GALEX</i> | 11 |
| 2.4 | Data releases e banco de dados | 14 |
| 3 | Crossmatch entre <i>SDSS/STARLIGHT</i> e <i>GALEX</i> | 16 |
| 3.1 | Banco de dados do <i>SDSS</i> | 16 |
| 3.1.1 | Migração de OODBMS para RDBMS | 17 |
| 3.1.2 | <i>SkyServer</i> | 17 |
| 3.1.3 | <i>CasJobs</i> | 18 |
| 3.2 | Banco de dados do <i>STARLIGHT</i> | 20 |
| 3.2.1 | Importação para o RDBMS | 20 |

| | | |
|-----------------------------------|---|-----------|
| 3.2.2 | Estrutura do banco de dados | 21 |
| 3.2.3 | Amostra do <i>STARLIGHT</i> | 22 |
| 3.3 | Crossmatch <i>SDSS/GALEX</i> | 24 |
| 3.3.1 | Identificação dos objetos | 24 |
| 3.4 | Definição das amostras <i>SDSS/STARLIGHT</i> e <i>GALEX</i> | 25 |
| 3.4.1 | Relação de <i>crossmatch</i> entre <i>SDSS</i> e <i>GALEX</i> | 25 |
| 3.4.2 | Obtendo dados UV da amostra do <i>STARLIGHT</i> | 26 |
| 3.4.3 | Completeza dos dados | 27 |
| 3.5 | Correções na fotometria UV | 29 |
| 3.5.1 | Poeira | 29 |
| 4 | Problemas astrofísicos | 30 |
| 5 | Conclusões e Perspectivas | 44 |
| 5.1 | Este trabalho | 44 |
| 5.2 | Trabalhos Futuros | 44 |
| A | Anexo 1: Manual de acesso aos dados do <i>STARLIGHT + GALEX</i> | 45 |
| Referências Bibliográficas | | I |

Lista de Figuras

| | | |
|-----|---|----|
| 2.1 | Curvas de transmissão dos filtros do <i>GALEX</i> | 8 |
| 2.2 | <i>Footprint</i> dos surveys <i>GALEX AIS</i> , <i>MIS</i> e <i>SDSS</i> | 10 |
| 2.3 | Diagrama cor-magnitude em ultravioleta. | 12 |
| 2.4 | Tela do programa <i>GalexView</i> | 15 |
| 3.1 | Telas do <i>SkyServer</i> | 18 |
| 3.2 | Tela do <i>CasJobs</i> | 19 |
| 3.3 | Esquema do banco de dados do <i>STARLIGHT</i> | 22 |
| 3.4 | Esquema simplificado do banco de dados do <i>SDSS</i> | 23 |
| 3.5 | Tabela de índices da amostra do <i>STARLIGHT</i> | 23 |
| 3.6 | <i>Query</i> para atualizar os índices da amostra de galáxias do <i>STARLIGHT</i> | 24 |
| 3.7 | Tabela de crossmatch entre objetos do <i>GALEX</i> e do <i>SDSS</i> | 26 |
| 3.8 | <i>Match</i> entre os objetos da amostra do <i>STARLIGHT</i> e <i>GALEX</i> | 28 |
| 4.1 | Densidade de galáxias no diagrama cor-cor UV. | 31 |
| 4.2 | Diagrama cor-cor UV para os diversos parâmetros <i>STARLIGHT</i> | 32 |
| 4.3 | Diagrama de diagnóstico WHAN. | 33 |
| 4.4 | Cores ultravioleta no diagrama WHAN. | 34 |
| 4.5 | Cores ultravioleta no diagrama BPT. | 35 |

| | | |
|------|--|----|
| 4.6 | Diagrama cor–cor UV de acordo com o tipo de galáxia. | 36 |
| 4.7 | Histogramas de cores para as classes de galáxias. | 37 |
| 4.8 | Idade média das galáxias ponderada em fluxo no diagrama cor–cor UV. | 38 |
| 4.9 | Idade média das galáxias ponderada em massa no diagrama cor–cor UV. | 39 |
| 4.10 | Metalicidade das galáxias ponderada em fluxo no diagrama cor–cor UV. | 40 |
| 4.11 | Metalicidade das galáxias ponderada em massa no diagrama cor–cor UV. | 41 |
| 4.12 | Massa estelar das galáxias no diagrama cor–cor UV. | 42 |
| 4.13 | Absorção por poeira no diagrama cor–cor UV. | 43 |

Lista de Tabelas

| | | |
|-----|--|----|
| 2.1 | <i>Surveys</i> realizados pelo <i>GALEX</i> | 9 |
| 2.2 | Campos observados em cada <i>General Release</i> do <i>GALEX</i> | 14 |
| 3.1 | Identificações entre <i>SDSS DR7</i> e <i>survey AIS</i> do <i>GALEX GR6</i> | 25 |
| 3.2 | Identificações entre <i>SDSS DR7</i> e <i>survey AIS</i> do <i>GALEX GR6</i> | 25 |
| 3.3 | Descrição dos campos da tabela <code>xSDSSDR7</code> | 27 |

Capítulo 1

Introdução

1.1 A nova era da astronomia

Com o advento dos *mega-surveys*, está começando uma revolução na forma de fazer ciência na astronomia. Os diversos *surveys*¹ em execução atualmente estão produzindo dados a uma taxa da ordem de petabytes por ano. Este talvez seja o primeiro campo da ciência onde as informações coletadas por máquinas tenham – nas próximas décadas – um volume maior do que os seres humanos são capazes de digerir. Uma espécie de *Singularidade Tecnológica*² da astrofísica, onde máquinas coletam, analizam e classificam dados. O papel do cientista num cenário como este ainda não está muito claro (Norris 2010).

O *Sloan Digital Sky Survey*, (*SDSS*) (York et al. 2000) é referência quando falamos em *surveys* modernos. Em seus 11^[FIXME] anos de funcionamento, obteve imagens em 5 filtros de um quarto do céu e espectros de um milhão de galáxias. O seu catálogo contém 4 terabytes de fotometria e espectros, sem contar as imagens. O *SDSS* foi praticamente o primeiro *survey* a conseguir popularizar o acesso aos seus dados. Os seus dados foram feitos públicos desde o início^[citation needed], gerando uma “corrida do ouro” no seu vasto volume de dados. Esta filosofia é compartilhada hoje pela grande maioria dos *surveys* de grande porte.

Existem diversos *surveys* em operação atualmente. O *Wide-field Infrared Survey*

¹Um *Survey* astronômico é um levantamento ou mapeamento de regiões do céu utilizando telescópios.

²O termo *Singularidade tecnológica* se refere a um futuro hipotético onde uma inteligência superior à humana emerge através da tecnologia. Qualquer previsão após tal fato se torna muito difícil, algo similar a um horizonte de eventos, dada a dificuldade em entender uma inteligência superior à humana.

Explorer (WISE) é um telescópio espacial da NASA³, que está mapeando o céu inteiro nas faixas de 3, 4, 4, 6, 12 e 22μm do infravermelho (Wright et al. 2010). O *Visible and Infrared Survey Telescope for Astronomy* (VISTA) é um telescópio no Chile fazendo um *survey* do céu do hemisfério sul no infravermelho próximo (Born 2010). Tratado com mais detalhes no capítulo 2, o Galaxy Evolution Explorer (*GALEX*) mapeou o céu em ultravioleta. Convém mencionar o *2dF Galaxy Redshift Survey* (2dFGRS) (Colless 1999) e o *Two Micron All Sky Survey* (2MASS) (Skrutskie et al. 2006). Embora estes *surveys* que já tenham sido concluídos, os seus dados permanecem disponíveis publicamente.

TODO: Surveys que vem por aí.

O LSST mapeará metade do céu aproximadamente a cada mês, durante cerca de dez anos. Serão mais de um petabyte em imagens brutas por ano, muito mais do que poderia ser revisado por humanos.

TODO: Observatórios virtuais. Datamining.

FIXME: Os cientistas não armazenam todos os dados das observações, mas através de serviços de acesso manipulam estes dados, podendo também fazer a combinação destes com outros bancos de dados complementares, e retirando as informações relevantes à pesquisa realizada.

Há pouco mais de uma década astrônomos extragaláticos conheciam os seus objetos de estudo pelo nome. Gráficos contendo algumas dúzias de galáxias eram objeto de luxo. Tradicionalmente um astrônomo faz um pedido de tempo de um dado observatório, obtém os dados (em geral imagens e espectros) e os leva para casa para seu uso individual⁴. Isto não é uma crítica a esta abordagem, muito pelo contrário. Alguns programas observacionais certamente são efetuados mais adequadamente desta forma. O que se está advocando é a coleta sistemática de dados, tal que esses dados possam ser posteriormente utilizados para diversos fins. Ao invés de ser um substituto, um *mega-survey* é um complemento à observação tradicional.

1.2 STARLIGHT e o SDSS

O *STARLIGHT* refina dados do *SDSS* e gera um catálogo de propriedades físicas

³NASA *Explorer Mission* - <http://explorers.gsfc.nasa.gov/missions.html>

⁴Alguns observatórios mantêm arquivos das observações^[citation needed], mas a organização dos dados em geral fica muito aquém do desejável.

das galáxias.

Noção geral de como o *STARLIGHT* funciona. Síntese de população estelar.

Resultados do *STARLIGHT*.

Um exemplo bastante

conhecido é programa *STARLIGHT*, que tem como entrada uma base de populações estelares simples e espectros de galáxias do Sloan Digital Sky Survey (SDSS), e gera como saída informações relacionadas ao histórico de formação estelar das galáxias. Baseada inteiramente no espectro óptico, esta análise serve de guia para interpretar dados em outras faixas espetrais para galáxias de diferentes tipos (como as que estão formando estrelas, as galáxias ativas de diferentes classes, as passivas e as aposentadas).

Nos últimos anos, novas bibliotecas estelares com alta resolução espectral (~ 1

Å) foram incorporadas a modelos de síntese evolutiva, fornecendo o espetro

detalhado $L(\lambda, t, Z)$ de populações estelares simples em função de sua idade

(t) e metalicidade (Z). O artigo de Bruzual & Charlot (2003), um “best-seller”

sua publicação, é o exemplo mais conhecido desta nova geração de modelos, mas

outros conjuntos de bibliotecas estão surgindo (Le Borgne et al 2004; González

Delgado et al 2004; Sanchez-Blasquez et al 2006), e muitos outros estão por vir

(Charlot & Bruzual 2007; Vazdekis et al 2007; Coelho et al 2007; etc). Ao

contrário das técnicas tradicionais de caracterização de populações estelares,

que se baseiam em uns poucos índices espectrais escolhidos “a dedo” (eg, Gallazzi et al 2005), essas novas ferramentas permitem modelar todo espectro observado $L_{obs}(\lambda)$, incorporando assim toda informação disponível, o que naturalmente produz resultados mais robustos e detalhados. Na prática, o uso efetivo desses novos modelos no estudo da história de formação estelar em galáxias requer a implementação de técnicas matemáticas que permitam deduzir a mistura de populações estelares formadas em diferentes tempos e suas respectivas metalicidades a partir de um espectro observado $L_{obs}(\lambda)$. Este é um problema ao qual o Grupo de Astrofísica da UFSC se dedica já há alguns anos (eg Fernandes et al 2001b; Leão 2001; Gomes 2005). A experiência acumulada nos permitiu desenvolver um código deste tipo logo após a publicação dos modelos de Bruzual & Charlot (2003). Os resultados são assustadoramente bons! A figura 1 abaixo ilustra a aplicação deste novo código de “síntese espectral” ao espectro de duas galáxias observadas pela SDSS. (573140 outros exemplos estão disponíveis em [www.starlight.ufsc.br!](http://www.starlight.ufsc.br/))

Matematicamente, o problema de síntese, abordado sob uma ótica Bayesiana, envolve o mapeamento de um vasto espaço de parâmetros, de dimensão da ordem de 50 - 100 (dependendo do grau de detalhamento no vetor de populações). Nossa

código, batizado de STARLIGHT, varre e mapeia este espaço de parâmetros usando uma combinação de simulated annealing com o algoritmo de Metropolis e métodos da “Markov-Chain-Monte-Carlo” (MCMC), mais difundidos na comunidade de Física Estatística, mas que estão ganhando terreno em aplicações astrofísicas diversas.

O STARLIGHT, fornece várias informações como saída: (a) a história de formação estelar (que nos revela como se formou e evoluiu a galáxia), expressa na forma de um “vetor de populações” $x = x(t, Z)$, que fornece a fração da luz, ou massa, proveniente de uma dada população (t, Z) ; a extinção (AV , devida a grãos de poeira inter-estelar que provocam um enfraquecimento e avermelhamento da luz observada) e a dispersão de velocidades (s^*), que mede a “temperatura cinética” das estrelas sob ação do potencial gravitacional da galáxia. Esses parâmetros básicos podem ser combinados para produzir grandezas fisicamente interessantes, como a massa estelar da galáxia (M^*), sua idade média (t^*) e metalicidade estelar média (Z^*). Além disso, o ajuste do espectro é tão bom que permite medidas bem mais precisas das linhas de emissão a partir do espectro residual $L(\lambda) = L_{\text{observado}}(\lambda) - L_{\text{modelo}}(\lambda)$, incluindo a detecção de linhas fracas dificilmente mensuráveis no espectro total.

1.3 Buscando o ultravioleta

A tendência é cobrir todo o espectro eletromagnético.

Qual ciência pode ser feita com cada faixa.

Por que UV? Limitações do UV.

Resumo do Galex, o que é, como funciona, motivação.

1.4 Este Trabalho

Crossmatch entre fontes SDSS do *STARLIGHT* e do Galex.

Cores UV para os tipos de galáxias classificados pelo WHaN.

Propriedades físicas dos tipos de galáxias no diagrama cor-cor UV.

Organização deste trabalho.

Capítulo 2

O Galaxy Evolution Explorer (GALEX)

2.1 Objetivos do GALEX

O *Galaxy Evolution Explorer (GALEX)* é um telescópio espacial de pequeno porte da NASA¹, lançado em 28 de abril de 2003 para conduzir um *survey* de todo o céu numa faixa espectral do ultravioleta (1350–2750Å). O objetivo principal do *GALEX* é estudar a evolução da taxa de formação estelar em galáxias (Martin et al. 2005). Os dados coletados pela missão são publicados em *Data Releases* periódicos, denominados *General Releases*. Este trabalho foi realizado sobre os dados do sexto *General Release*, GR6.

A missão consiste em uma série de *surveys* fotométricos e espectroscópicos (ver tabela 2.1). Destes, os principais *surveys* são o *All Sky Survey* (AIS) e o *Medium Imaging Survey* (MIS), que foram utilizados neste trabalho. O imageamento é feito em duas bandas espetrais: ultravioleta distante (*far ultraviolet*, FUV), de 1350 a 1750Å, e ultravioleta próximo (*near ultraviolet*, NUV), de 1750 a 2750Å. As curvas de transmissão dos filtros utilizados nessas bandas podem ser visto na figura 2.1. A espectroscopia é feita inserindo-se no caminho ótico um *grism*, que consiste num prisma combinado com uma rede de difração. Obtém-se deste modo um espectro de baixa resolução para cada objeto na imagem, conforme descrito por Morrissey et al. (2007).

Os *surveys* do *GALEX* foram planejados de forma a se valer de outros *surveys* já existentes em outros comprimentos de onda. A figura 2.2 mostra a sobreposição da

¹NASA Small Explorer (SMEX) - <http://explorers.gsfc.nasa.gov/missions.html>

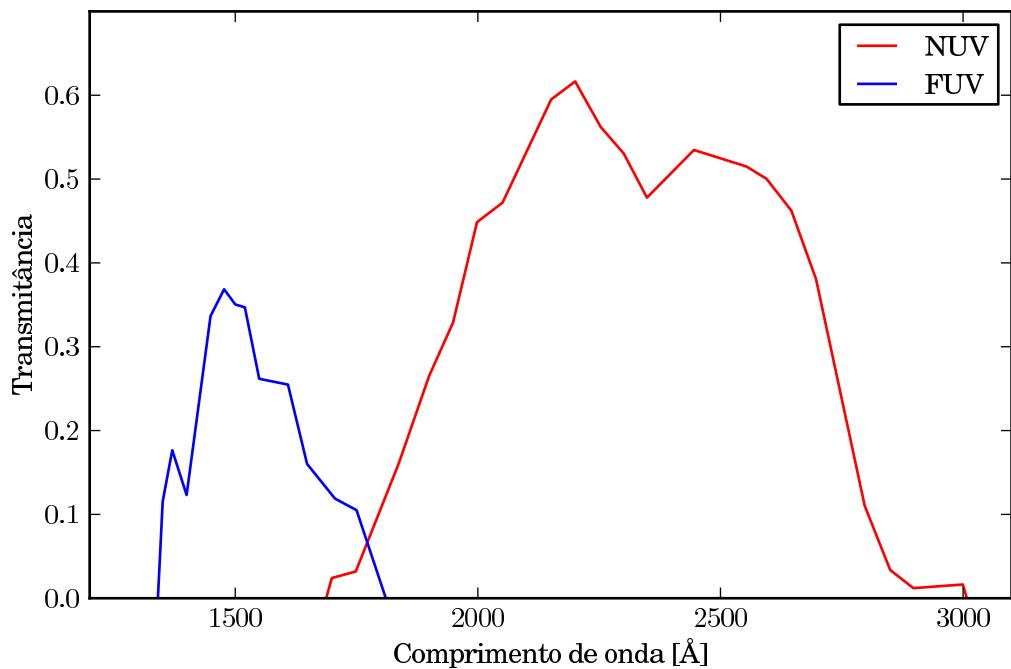


Figura 2.1: Curvas de transmissão dos filtros do *GALEX*, medidas em laboratório (Morrissey et al. 2005). Retirada do website mantido por Peter Capak: <http://www.astro.caltech.edu/~capak/cosmos/filters/>

Tabela 2.1: *Surveys* realizados pelo *GALEX*. O CAI consiste em observações de anãs brancas para calibração. A cobertura do céu é dada em graus quadrados. No caso do NGS, a magnitude limite é dada em unidades de densidade superficial de magnitude. Informações retiradas de Martin et al. (2005).

| Survey | Cobertura do céu | Mag. AB limite |
|---|------------------|----------------|
| <i>Calibration Imaging (CAI)</i> | - | - |
| <i>All-sky Imaging Survey (AIS)</i> | 26000 | 20.5 |
| <i>Medium Imaging Survey (MIS)</i> | 1000 | 23 |
| <i>Deep Imaging Survey (DIS)</i> | 80 | 25 |
| <i>Nearby Galaxy Survey (NGS)</i> | 80 | 27.5 |
| <i>Wide Field Spectroscopic Survey (WSS)</i> | 80 | 20 |
| <i>Medium-deep Spectroscopic Survey (MSS)</i> | 8 | 21.5–23 |
| <i>Deep Spectroscopic Survey (DSS)</i> | 2 | 23–24 |

área observada ² pelos *surveys* AIS e MIS do *GALEX* e do *Sloan Digital Sky Survey (SDSS)*. O objetivo primário da missão do *GALEX* é calibrar da taxa de formação estelar no universo local e a determinar o histórico cosmológico de formação estelar entre os *redshifts* $0 < z < 2$ (Martin et al. 2005). A comparação com dados de *surveys* em outros comprimentos de onda tem um papel fundamental no cumprimento deste objetivo.

²*Footprint*, no linguajar astronômico.

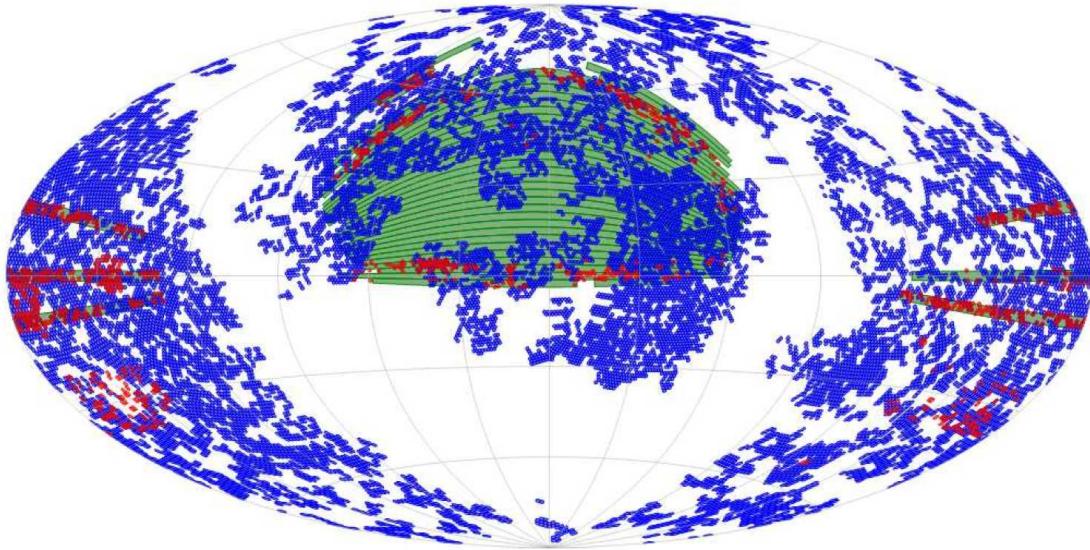


Figura 2.2: *Footprint* dos surveys *GALEX* GR2+3 AIS (azul), MIS (vermelho) e SDSS DR6 (verde), de Budavári et al. (2009)

2.2 Histórico do estudo do céu no ultravioleta

A camada de ozônio, tão desejável pela proteção que oferece aos seres vivos, cobra a sua taxa na astronomia. Observações na banda ultravioleta precisam ser feitas fora da atmosfera terrestre, portanto não é de se estranhar que o trabalho nesta faixa espectral tenha progredido menos do que na faixa do óptico e do infravermelho.^[citation needed]

O primeiro trabalho sistemático de observação UV foi feito pelo *Orbiting Astronomical Observatory 2* (Code et al. 1970), obtendo fotometria e espectroscopia de estrelas brilhantes, aglomerados globulares e galáxias próximas. Durante as décadas de 1970 e 1980, este e outros satélites como o TD-1 (Boksenberg et al. 1973), o *Astronomical Netherlands Satellite* (van Duinen et al. 1975) e o *International Ultraviolet Explorer* (Kondo & Wamsteker 1987) – o primeiro satélite a utilizar um detector de imageamento UV – forneceram os dados fundamentais para os modelos de síntese de população estelar de galáxias. *Surveys* de campo amplo foram feitos por uma câmera lunar erguida por astronautas da *Apollo 16* (Carruthers 1973), a bordo do *Skylab* (Henize et al. 1975) e pelo instrumento *FAUST* a bordo do *Spacelab* (Bowyer et al. 1993). Muitas imagens UV também foram obtidas pelo *Ultraviolet Imaging Telescope* em duas missões em ônibus espacial (Stecher et al. 1997).

2.3 Resultados obtidos pelo GALEX

o *GALEX* fez o primeiro *survey* do céu inteiro em UV. As regiões próximas ao plano da Galáxia foram evitados para não danificar os detectores. Pode-se ter uma idéia do sucesso desta missão considerando a grande quantidade de artigos publicados³. Abaixo segue um resumo dos resultados mais notáveis.

Wyder et al. (2007) analisam a distribuição de galáxias em função da cor UV e da magnitude absoluta no universo local. Esta distribuição é conhecida como *Diagrama Cor-Magnitude* (CMD, na sigla em inglês para *Color-Magnitude Diagram*). Os autores usam *redshifts* e fotometria óptica obtidas do *SDSS* junto com fotometria UV do *survey* MIS do *GALEX*. A amostra do *SDSS* é correlacionada com a do *GALEX* procurando o objeto do *GALEX* mais próximo de cada objeto *SDSS* até um limite de 4" (4 segundos de arco).

O diagrama cor-magnitude elaborado por Wyder et al. mostra a separação das galáxias nas sequências azul e vermelha (figura 2.3). Esta distribuição bimodal é um resultado bem conhecido na astronomia.^[citation needed] Porém, diferente do diagrama cor-magnitude para a faixa espectral do óptico, a distribuição de cores em UV não pode ser ajustada somente pela soma de duas gaussianas, há um excesso de objetos nas cores intermediárias entre os picos azul e vermelho. A boa separação entre as sequências é atribuída a uma maior sensibilidade à formação estelar recente.

Martin et al. (2007) investigaram as propriedades das galáxias entre as sequências vermelha e azul para a mesma amostra citada acima. As galáxias nesta região intermediária são preferencialmente galáxias com núcleo ativo (*Active Galactic Nucleus*, AGN). Os autores estimam o fluxo de massa de galáxias indo da sequência azul para a vermelha.

Ainda para a mesma amostra, Schiminovich et al. (2007) investigaram a correlação entre a morfologia das galáxias e a sua posição no CMD. A função de luminosidade UV do universo local é medida – pela primeira vez, segundo os autores – com relação aos parâmetros estruturais e à inclinação das galáxias.

A missão do *GALEX* se encerra em 31 de dezembro de 2011. Dados coletados após o GR6, como as observações no mesmo campo utilizado na missão Kepler (?), observações de M31 e da Nuvem de Magalhães, entre outros, serão liberados num último *data release*,

³Há uma lista com as mais de 500 publicações relacionadas ao projeto do *GALEX* em <http://www.galex.caltech.edu/researcher/publications.html>

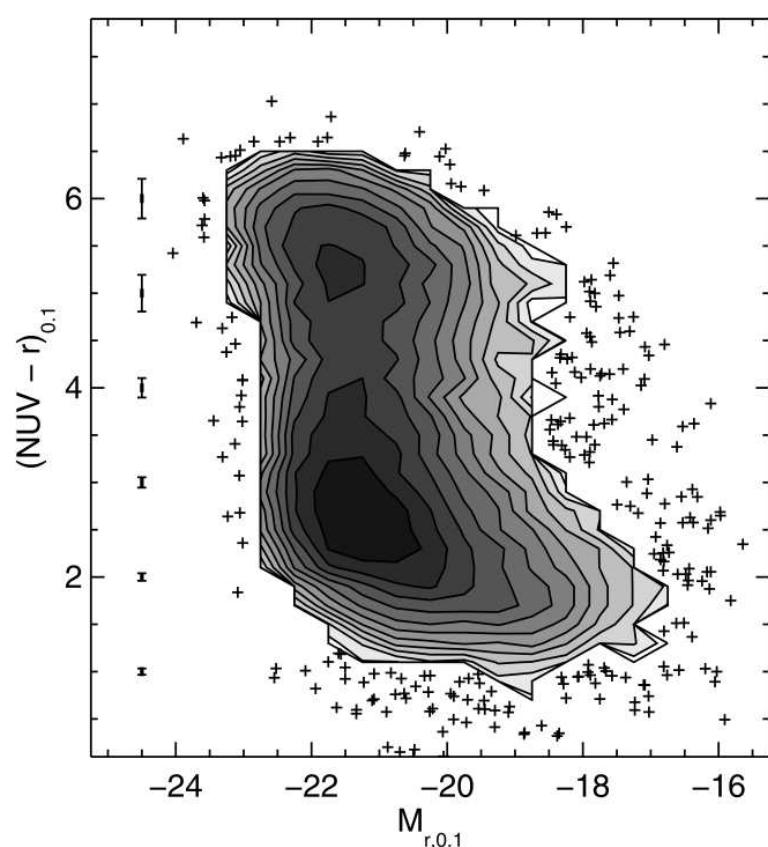


Figura 2.3: Diagrama cor-magnitude em ultravioleta. (Wyder et al. 2007, figura 7).

GR7. Os dados obtidos pelo *GALEX* permanecerão disponíveis publicamente no MAST.

2.4 Data releases e banco de dados

Os dados obtidos pelo *GALEX* são armazenados no *Multi-Mission archive at the Space Telescope Science Institute* (MAST). O acesso a estes dados é público, a liberação é feita anualmente em *General Releases* (GR). Os dados consistem basicamente em imagens e catálogos, divididos em campos (*tiles*) com área de aproximadamente 1,2 graus quadrados. Devido ao modo como o *GALEX* faz as observações, um determinado objeto pode estar presente em mais de um campo. A tabela 2.2 mostra o número cumulativo de campos observados por *survey* em cada GR⁴. Observações de pesquisadores convidados (*Guest Investigators*, GI) foram selecionadas de forma a complementar os *surveys*.

Tabela 2.2: Campos observados em cada *General Release* do *GALEX*.

| Release | AIS | DIS | MIS | NGS | GI | CAI | Espectros | Total |
|---------|-------|-----|------|-----|------|-----|-----------|-------|
| GR1 | 3074 | 14 | 112 | 52 | - | - | 7 | 3259 |
| GR2/GR3 | 15721 | 165 | 1017 | 296 | 288 | 20 | 41 | 17548 |
| GR4/GR5 | 28269 | 292 | 2161 | 458 | 788 | 38 | 174 | 32180 |
| GR6 | 28889 | 338 | 3479 | 480 | 1314 | 51 | - | 34551 |

Para facilitar o acesso aos dados do *GALEX*, o MAST desenvolveu uma ferramenta chamada *GalexView*, utilizando tecnologia *Adobe Flex*⁵. Desta forma o *GalexView* pode ser acessado através de seu *website*⁶ em qualquer *web browser* que tenha suporte ao *Adobe Flash Player*⁷.

Através do *GalexView* é possível fazer buscas, visualizar e obter imagens e catálogos dos campos do *GALEX*. As buscas podem ser feitas de forma bastante versátil, tanto pelo nome do objeto quanto pelas coordenadas do céu. O formato de entrada é flexível o suficiente para evitar os problemas causados por idiossincrasias na notação de coordenadas (por exemplo, tanto “14h03m12.6s +54d20m56.7s” quanto “14 03 12.6 54 20 56.7” ou “210.83 54.35” apontam para a mesma região). A sua interface (figura 2.4) permite filtrar

⁴Informações retiradas do em website do GR6: <http://galex.stsci.edu/GR6/>

⁵*Adobe Flex* é um *framework* de código aberto que permite desenvolver aplicações para *web browsers*. Ver <http://www.adobe.com/products/flex.html>.

⁶GalexView: <http://galex.stsci.edu/GalexView/>

⁷*Adobe Flash Player* é uma extensão multiplataforma para *web browsers* que provê capacidade de visualização de conteúdo *flash* gerado tanto pelos seus editores proprietários quanto por ferramentas de terceiros. Ver <http://www.adobe.com/products/flashplayer/>.

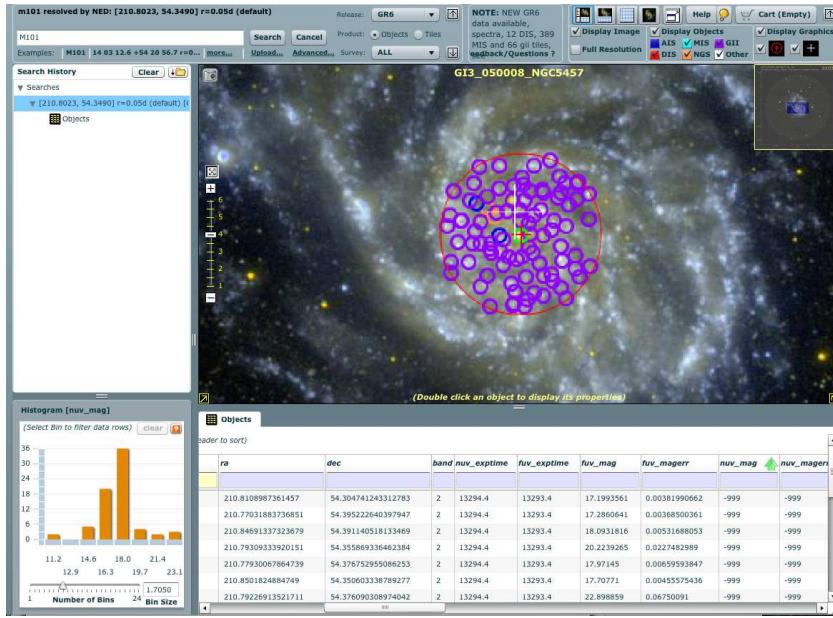


Figura 2.4: Tela do programa *GalexView*, com a visualização da galáxia M101.

o conteúdo retornado pelas buscas, separando por *surveys*. Há também uma ferramenta de histograma, permitindo filtrar pelos valores das colunas dos catálogos. Os objetos selecionados na busca aparecem marcados na visualização da imagem. Utilizando um sistema do tipo “carrinho de compras”, pode-se selecionar campos e objetos de interesse, para ao final do uso do sistema baixar toda a seleção de uma vez.

Tanto o *GalexView* quanto outras ferramentas de busca do MAST, como o *GALLEX Search Form* e o *GALEX Tilelist*, são construídos sobre um *banco de dados relacionais* acessado através da linguagem *SQL* (Chamberlin & Boyce 1974). Muito comum na indústria, bancos de dados relacionais dispõem em geral de uma vasta gama de ferramentas para gerenciamento dos dados. Uma de suas grandes vantagens é o uso de índices⁸ para agilizar o acesso a dados. Embora a tecnologia exista desde a década de 1970 (Codd 1970), até uma década atrás suas vantagens eram praticamente negligenciadas na astronomia.

Bancos de dados relacionais e ferramentas para gerenciamento e acesso a dados serão tratados com mais detalhes no capítulo 3.

⁸Un índice numa tabela de banco de dados é uma estrutura que copia partes da tabela numa determinada ordem, de forma a aumentar a velocidade de acesso aos dados ao custo de espaço de armazenamento.

Capítulo 3

Crossmatch entre SDSS/STARLIGHT e GALEX

Tradicionalmente astrônomos armazenam seus dados em arquivos texto ou binários contendo um registro por linha, de um forma tecnicamente conhecida como *flat file*. Buscas neste tipo de banco de dados são feitas examinando individualmente cada registro do arquivo. Com o volume de dados obtido pelo *GALEX* (aproximadamente 222 milhões de objetos, 34 mil campos)^[citation needed], o uso de arquivos simples para armazenamento de dados se torna inviável.^[citation needed] É preciso “profissionalizar” o gerenciamento de dados de um *survey* desta escala.

3.1 Banco de dados do SDSS

Um dos maiores responsáveis pela promoção do uso de bancos de dados relacionais na astronomia é o projeto *Sloan Digital Sky Survey (SDSS)*. Inicialmente o *SDSS* utilizou um *sistema de gerenciamento de banco de dados orientado a objetos* (Maier et al. 1986) (OODBMS, na sigla em inglês). Após pouco mais de um ano a abordagem se mostrou inadequada: entre os principais problemas, uma linguagem de *query* inadequada e performance ruim. O motivo, segundo Thakar et al. (2004), foi a incapacidade da empresa desenvolvedora do OODBMS em prover novas funcionalidades requisitadas pelo projeto e correção de *bugs*, bem como em acompanhar o crescimento da performance do *hardware*.

3.1.1 Migração de OODBMS para RDBMS

Todo o banco de dados do *SDSS* foi migrado para um *sistema de gerenciamento de banco de dados relacional* (Codd 1970) (RDBMS, na sigla em inglês) num esforço guiado por Thakar et al.. RDBMS pode ser considerado o padrão da indústria. Praticamente todas as linguagens de programação tem bibliotecas de interface às implementações de RDBMS comerciais mais comuns (Oracle, IBM e Microsoft, Postgres). Há uma diversidade de ferramentas para desenvolvimento e gerenciamento de RDBMS. E talvez o maior benefício de todos, o acesso aos dados é feito utilizando uma linguagem padronizada: *Simple Query Language*, ou simplesmente SQL (Chamberlin & Boyce 1974). A migração dos dados do *SDSS* para um RDBMS comercial implicou num aumento significativo da performance do acesso aos dados, e resultou no desenvolvimento do *SkyServer*¹. O servidor de banco de dados escolhido pelo *SDSS* foi o *Microsoft SQL Server*.

A comparação entre OODBMS e RDBMS no caso particular do *SDSS* não implica necessariamente a superioridade do segundo em relação ao primeiro. Tanto a abordagem orientada a objetos quanto a abordagem relacional tem suas vantagens e desvantagens. O estudo de caso do *SDSS* é apenas uma evidência anedótica em favor do uso de bancos de dados relacionais. No entanto, para aplicações semelhantes ao *SDSS*—surveys astronômicos com volumes imensos de dados – vale a pena apostar no sucesso dos RDBMS.

3.1.2 SkyServer

O *SkyServer* é um *website* (figura 3.1) que provê acesso aos dados armazenados no banco de dados do *SDSS* (Szalay et al. 2002). O acesso mais simples pode ser feito através de um atlas de locais famosos (*famous places*), que mostra imagens coloridas de objetos celestes conhecidos. Há formulários para buscas mais sérias, gerando coleções de imagens, espectros e tabelas de dados. No *SkyServer* é possível fazer buscas avançadas utilizando SQL, embora haja limites de tempo de execução e de quantidade de objetos retornados. Esta limitação é contornada através do sistema *CatJobs*, que é tratado na seção 3.1.3.

É importante ressaltar que é possível (de fato, a equipe do *SDSS* encoraja) criar *mirrors*² do *SkyServer*. Tanto o banco de dados do *SDSS* quanto o código fonte do *SkyServer* estão disponível no próprio *website* do *SkyServer*. Há um clone do banco de

¹SDSS SkyServer: <http://skyserver.sdss.org/>

²Mirror: Espelho, em inglês. Clone de um *website*.

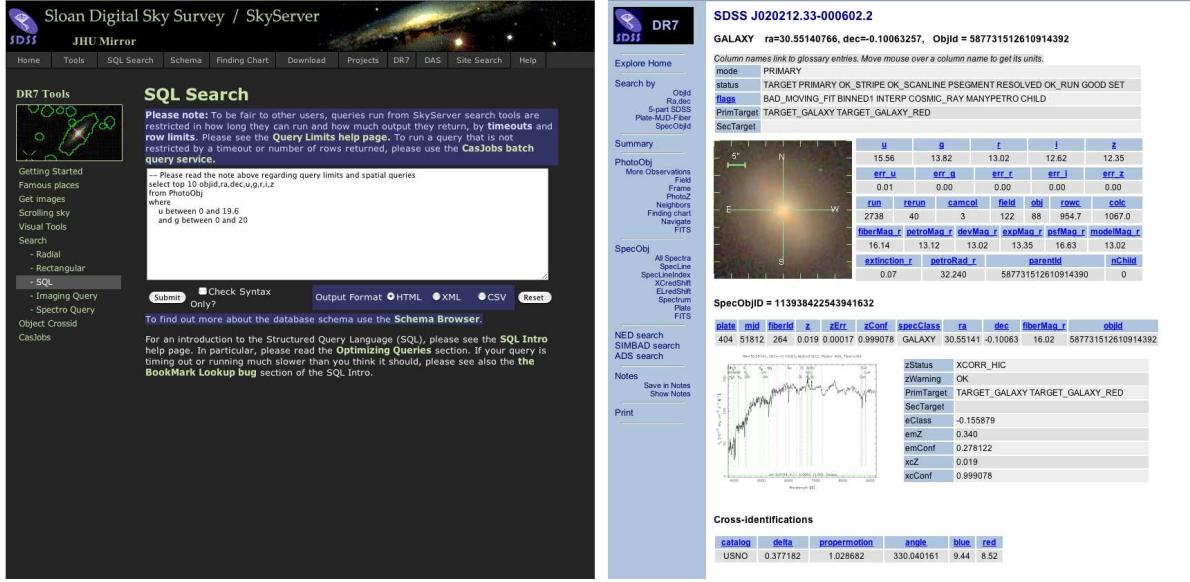


Figura 3.1: Telas do *SkyServer*. À esquerda, formulário para submeter uma *query* SQL. À direita, ferramenta *Explore* mostrando a galáxia NGC 799.

dados do *Data Release 8* do *SDSS* no servidor *CasJobs* do *STARLIGHT*³.

3.1.3 CasJobs

O *Catalog Archive Server Jobs* (*CasJobs*) é um serviço online desenvolvido pela equipe do *SDSS* para expandir a capacidade do *SkyServer* (Li & Thakar 2008). Nele o usuário pode executar consultas SQL no banco de dados do *SDSS* da mesma forma que no *SkyServer*. Porém, além de consultas rápidas, é possível agendar a execução de consultas mais longas. O *CasJobs* gerencia estas consultas agendadas numa fila de execução, de modo a não sobrecarregar a rede ou os servidores de banco de dados. Cada usuário possui seu próprio banco de dados, chamado *MyDB*. Pode-se importar tabelas para o *MyDB* para utilizar em *queries* correlacionando com os dados presentes no *CasJobs*. O *MyDB* serve como armazenamento de tabelas do usuário, e há mecanismos para exportar estas tabelas para arquivos nos formatos FITS, CSV, XML e VOTable. Estes arquivos podem ser lidos por programas de análise de dados como o *TopCat*⁴, ou mesmo importados para outros bancos de dados.

³*CasJobs* do *STARLIGHT*: <http://casjobs.starlight.ufsc.br/casjobs/>

⁴*TopCat* é um visualizador gráfico interativo e editor de dados tabulares usado em astronomia. Ver <http://www.star.bris.ac.uk/~mbt/topcat/>.

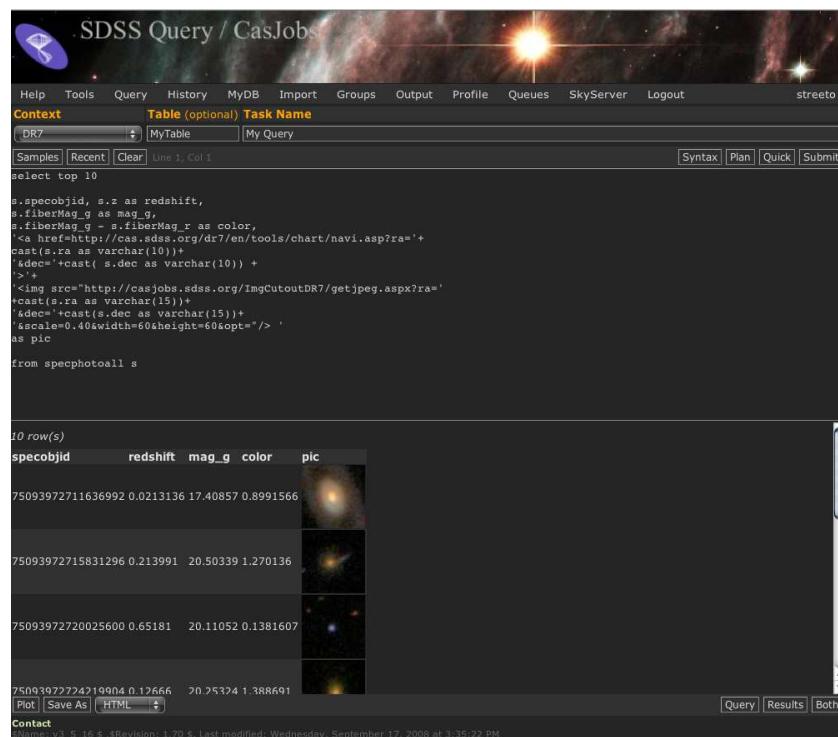


Figura 3.2: Tela do *CasJobs*. Resultado da *query* buscando o *redshift*, a magnitude na banda *g*, a cor *g-r* e uma amostra da imagem de objetos com espectroscopia.

É possível utilizar o *CasJobs* para acessar virtualmente qualquer banco de dados. No momento, o Grupo de Astrofísica da UFSC possui um servidor *CasJobs* com bancos de dados do *STARLIGHT*, *SDSS DR8*, *GalaxyZoo*^[citation needed], e uma amostra do *GALEX* e um catálogo de *redshifts* fotométricos (O’Mill et al. 2011). O *CasJobs* também foi adotado por outros projetos como o *GALEX*, *Kepler*^[citation needed], *Palomar Quest*^[citation needed], *Panoramic Survey Telescope and Rapid Response System* (*Pan-STARRS*) e até pelo projeto *AmeriFlux*, que contém dados de hidrologia^[citation needed].

A figura 3.2 mostra uma tela típica de uma sessão no *CasJobs*.

3.2 Banco de dados do **STARLIGHT**

O *STARLIGHT* é um código de síntese espectral (Cid Fernandes et al. 2005). O programa é executado uma vez para cada galáxia do *SDSS*, recebendo seu espectro como um arquivo texto. Ele usa uma biblioteca de espectros de populações estelares simples (*Single Stellar Population*, SSP)⁵ com diferentes idades e metalicidades como uma base do espaço de espectros galáticos possíveis. De forma simplificada, o que o *STARLIGHT* faz é encontrar as frações de massa e luz correspondente a cada elemento da base, ou seja, cada SSP. Analisando as relações entre os componentes determinados pela síntese, o programa determina diversas propriedades físicas da galáxia, como a massa estelar total, a massa separada por idade, metalicidade média, quantidade de poeira e velocidade de rotação, para citar apenas algumas. Quase um milhão de espectros foram analisados, e o resultado da síntese foi armazenado em arquivos texto.

Apenas os componentes estelares do espectro são obtidos desta forma. Subtraindo o espectro sintetizado de luz estelar é possível medir as linhas de emissão do espectro. Esta é uma etapa de pós-processamento, que gera um catálogo complementar de linhas de emissão.

3.2.1 Importação para o RDBMS

Os arquivos da síntese gerados pelo *STARLIGHT* ocupam uma dezena de gigabytes. Mesmo o catálogo de propriedades físicas das galáxias, sozinho, ocupa mais de um gigabyte. Embora seja um volume razoavelmente grande de dados, é possível trabalhar

⁵Uma SSP consiste num conjunto de estrelas formadas ao mesmo tempo com a mesma metalicidade.

com esta quantidade de dados num computador atual⁶. A transferência de arquivos com tamanho da ordem de gigabytes pela internet também também é lugar-comum atualmente. Poderia-se argumentar que distribuir os dados neste formato seja a forma mais adequada.

Entretanto, deve-se admitir que uma das maiores razões para o sucesso do *CasJobs* em prover acesso aos dados o *SDSS* não é o tamanho da base de dados, e sim a facilidade com que o usuário pode acessar os dados e filtrar apenas o que lhe for conveniente. Além disso, manter a base de dados num local central permite que sejam feitas correções e revisões, o que implicaria normalmente numa nova transferência caso cada usuário tivesse a sua cópia local.

O *CasJobs* requer um servidor rodando *Windows Server* com *Internet Information Services* (IIS) e *Microsoft SQL Server* (MSSQL). A instalação do *CasJobs* está documentada no website do *SkyServer* (ver secão 3.1.2). Com um servidor *CasJobs*, o trabalho consiste em importar os dados em arquivos texto para um banco de dados no MSSQL. A ferramenta principal para a manipulação dos bancos de dados no MSSQL é o *Microsoft SQL Server Management Studio*. Nele há um assistente para importação de dados baseado no *SQL Server Integrated Services* (SSIS). A importação das tabelas de propriedades físicas do *STARLIGHT* é trivial. A importação das linhas de emissão requer um trabalho extra para normalizar a tabela⁷.

3.2.2 Estrutura do banco de dados

O esquema do banco de dados do *STARLIGHT* pode ser visto na figura 3.3. A tabela `observational_params` contém os dados obtidos do *SDSS* e usados como parâmetros para a obtenção das propriedades físicas das galáxias. Estas propriedades físicas estão armazenadas na tabela `synthesis_results`. Estas duas tabelas estão relacionadas através da chave `SpecObjID`, que será explicada na seção 3.2.3. A tabela `el_fit` contém medidas de linhas de emissão para cada galáxia, cada linha sendo descrita pelos elementos da tabela `cfg_el_fit`. O manual de acesso aos dados do *STARLIGHT* (anexo A) contém a descrição completa de todos os dados disponíveis nestas tabelas.

⁶Na época da escrita desta dissertação, é difícil encontrar um computador novo com menos de 4 gigabytes de memória RAM.

⁷Normalização de tabelas. [FIXME]



Figura 3.3: Esquema do banco de dados do *STARLIGHT*.

3.2.3 Amostra do **STARLIGHT**

A amostra de galáxias do *STARLIGHT* contém 926246 espectros do *SDSS*. A identificação de cada espectro é feita através de um tripleto: a data juliana média da observação (**MJD**, *Mean Julian Date*), a identificação da placa de suporte das fibras ópticas (**Plate**) e a identificação da fibra utilizada para a obtenção do espectro (**FiberID**). Este tripleto (**MJD**, **Plate**, **FiberID**) identifica unicamente um espectro. Porém, é mais conveniente (e eficiente) ter um identificador único (uma chave primária⁸) para os registros num banco de dados. No caso do *SDSS*, a tabela de espectros (**SpecObjAll**) tem um identificador chamado **SpecObjID**.

Além de espectros, o banco de dados do *SDSS* (figura 3.4) contém fotometria de 1/4 do céu.^[citation needed] Os objetos com dados de fotometria também tem um identificador único, **ObjID**. Existe uma coluna na tabela de espectros chamada **BestObjID**, que aponta para o registro de fotometria (tabela **PhotoObjAll**) mais provável para cada espectro. É importante salientar que nem todo espectro tem um **BestObjID** definido.

A tabela de índices da amostra de galáxias do *STARLIGHT* (esquema na figura 3.5) contém inicialmente os tripletos [**MJD**, **Plate**, **FiberID**]. Dentro do ambiente CasJobs do

⁸Chave primária é um conjunto de um ou mais campos tais que a combinação de todos os campos da chave não se repete.



Figura 3.4: Esquema simplificado do banco de dados do *SDSS*.



Figura 3.5: Esquema da tabela de índices da amostra do *STARLIGHT*. Os tipos de dados são referentes à implementação do banco de dados.

*SDSS DR7*⁹ a tabela tem os valores de **SpecObjID** e **BestObjID** preenchida através da execução da *query* mostrada na figura 3.6. Entre os objetos na amostra do *STARLIGHT*, 622 objetos não tem a sua contrapartida fotométrica.

⁹ *CasJobs SDSS DR7* - <http://casjobs.sdss.org/CasJobs/>

```
UPDATE sample
    SET SpecObjID=so.SpecObjID, ObjID=so.BestObjID
FROM sample s2 INNER JOIN DR7..SpecObjAll so
    ON so.MJD=s2.MJD
    AND so.Plate=s2.Plate
    AND so.FiberID=s2.FiberID
```

Figura 3.6: Atualização dos índices da amostra de galáxias do *STARLIGHT*. A *query* foi executada no *CasJobs* do *SDSS* DR7 para obter **SpecObjID** e **BestObjID** dado o tripleto [MJD, Plate, FiberID].

3.3 Crossmatch SDSS/GALEX

A identificação mútua (*crossmatch*) de objetos em *surveys* diferentes é um problema razoavelmente complicado. A cobertura do céu de cada *survey* em geral não é a mesma. Por outro lado, os objetos presentes em um *survey* podem não ter sido detectados no outro. A probabilidade de duas fontes em catálogos diferentes corresponderem a um mesmo objeto pode ser calculada como função da separação entre elas e a precisão astrométrica das medidas (Budavári & Szalay 2008).

3.3.1 Identificação dos objetos

Budavári et al. (2009) aplicam este método probabilístico ao *SDSS* e ao *GALEX*. O *crossmatch* espacial é feito dentro de um RDMS (MSSQL, o mesmo usado no *CasJobs*), utilizando técnicas avançadas de indexação (Kunszt et al. 2000). A tabela resultante é uma relação “muitos para muitos”, onde a maioria dos objetos *GALEX* tem apenas um objeto *SDSS* associado, mas outras associações podem ocorrer. Um exemplo onde pode ocorrer uma associação “um para muitos” é o caso onde existe uma fonte fraca em UV (presente no *SDSS* mas não detectada pelo *GALEX*) próxima a uma fonte presente tanto no UV quanto no óptico. O algoritmo irá apontar estes dois objetos no *SDSS* como candidatos a serem a contrapartida óptica do objeto detectado no *GALEX*. O caso inverso implicaria numa associação “muitos para um”. Nas tabelas 3.1 e 3.2 há a quantidade de identificações para cada tipo de associação, referentes aos *surveys* AIS e MIS, respectivamente. Os valores foram determinados para o *crossmatch* entre *SDSS* DR7 e *GALEX* GR6, disponível no *CasJobs* do *GALEX*¹⁰). O artigo citado acima mostra

¹⁰ *CasJobs* do *GALEX*: <http://galex.stsci.edu/casjobs/>

a mesma tabela, com os resultados para dados do *SDSS* DR6 e *GALEX* GR3. A técnica utilizada por Budavári et al. agora faz parte do *pipeline* do *GALEX*. A distribuição do *CasJobs* inclui as ferramentas necessárias para fazer o *crossmatch* espacial entre bancos de dados.

Tabela 3.1: Número de identificações entre *SDSS* DR7 e *survey* AIS do *GALEX* GR6, por associação.

| <i>GALEX</i> | | <i>SDSS</i> | | |
|--------------|------------|-------------|-----------|--------|
| | | 1 | 2 | Muitos |
| 1 | 15.267.818 | 9.150.919 | 4.623.197 | |
| 2 | 4.524.337 | 2.504.786 | 1.162.463 | |
| Muitos | 770.645 | 426.691 | 184.680 | |

Tabela 3.2: Número de identificações entre *SDSS* DR7 e *survey* MIS do *GALEX* GR6, por associação.

| <i>GALEX</i> | | <i>SDSS</i> | | |
|--------------|-----------|-------------|-----------|--------|
| | | 1 | 2 | Muitos |
| 1 | 8.201.735 | 5.923.551 | 3.775.187 | |
| 2 | 2.120.174 | 1.580.701 | 984.067 | |
| Muitos | 276.447 | 234.016 | 150.894 | |

3.4 Definição das amostras SDSS/STARLIGHT e GALEX

Como comentado na seção 3.3.1, no banco de dados do *GALEX* há uma tabela de *crossmatch* entre os objetos do *GALEX* e os seus correspondentes ópticos no catálogo do *SDSS*. A figura 3.7 mostra o esquema desta tabela, chamada *xSDSSDR7*. A descrição completa dos campos pode ser vista na tabela 3.3. Dado que a identificação não é

3.4.1 Relação de *crossmatch* entre SDSS e GALEX



Figura 3.7: Esquema da tabela de *crossmatch* entre objetos do *GALEX* e do *SDSS*.

necessariamente unívoca, existem informações extras nesta tabela a fim de facilitar a seleção dos melhores candidatos: **DistanceRank** e **MultipleMatchCount**.

A identificação cruzada também é feita na direção oposta. Dado um objeto do *SDSS*, foram encontrados os objetos do *GALEX* candidatos. Para um par **[ObjID, SDSSObjID]**, há também os campos **ReverseDistanceRank** e **ReverseMultipleMatchCount**.

3.4.2 Obtendo dados UV da amostra do STARLIGHT

A amostra do *STARLIGHT* obtida na seção 3.2.3 contém o identificador do catálogo de fotometria do *SDSS*. Este identificador é o mesmo utilizado na tabela **XSDSSDR7**. A *query* da figura 3.8 preenche a tabela chamada **galex_ais** com todos os objetos da amostra do *STARLIGHT*, junto com suas respectivas magnitudes NUV (**FUV_mag**) e FUV (**NUV_mag**), o erro na medida das magnitudes (**FUV_magErr** e **NUV_magErr**), o tempo de exposição em cada filtro (**fexptime** e **nexptime**), o índice de cor $E(B - V)$ (**e_bv**, ver seção 3.5.1) e a distância entre a detecção do objeto no *GALEX* e no *SDSS* (**distance**). Esta tabela é esparsamente populada, com um registro para cada objeto do *STARLIGHT*, e os dados UV preenchidos somente para os objetos com identificação po-

Tabela 3.3: Descrição dos campos da tabela `xSDSSDR7`.

| Campo | Descrição |
|--|--|
| <code>ObjID</code> | Identificador único de objeto do <i>GALEX</i> . |
| <code>SDSSObjID</code> | Identificador único do <i>SDSS</i> . |
| <code>Distance</code> | Separação angular em segundos de arco. |
| <code>DistanceRank</code> | Um número inteiro, onde o valor 1 indica que o objeto do <i>GALEX</i> é o mais próximo do objeto <i>SDSS</i> , o valor 2 indica que ele é o segundo mais próximo, etc. |
| <code>ReverseDistanceRank</code> | Um número inteiro, onde o valor 1 indica que o objeto do <i>SDSS</i> é o mais próximo do objeto <i>GALEX</i> , o valor 2 indica que ele é o segundo mais próximo, etc. |
| <code>MultipleMatchCount</code> | Um número inteiro indicando quantos objetos <i>SDSS</i> foram encontrados para o objeto <i>GALEX</i> dentro do raio de busca. |
| <code>ReverseMultipleMatchCount</code> | Um número inteiro indicando quantos objetos <i>GALEX</i> foram encontrados para o objeto <i>SDSS</i> dentro do raio de busca. |

sitiva. Caso o objeto não tenha um correspondente *GALEX*, os valores serão nulos¹¹. De forma similar, os dados UV para o *survey* MIS foram armazenados na tabela `galex_mis`.

3.4.3 Completeza dos dados

TODO: Alguma estatística.

Foram escolhidos apenas identificações cruzadas do tipo um-para-um, ou seja, com `multipleMatchCount` e `reverseMultipleMatchCount` iguais a 1.

Outro artefato importante é que apenas um objeto foi escolhido, independente do *survey* *GALEX* utilizado. Se existe um correspondente AIS e outro MIS para o mesmo objeto da amostra, apenas o mais próximo é considerado.^[FIXME]

¹¹NULL^[FIXME]

```
SELECT INTO mydb..galex_ais
    s.objid AS sdssobjid, x.objid AS galexobjid,
    s.mjd, s.plate, s.fiberid,
    g.fuv_mag, fuv_magErr,
    g.nuv_mag, g.nuv_magErr,
    g.e_bv,
    g.band,
    x.distance,
    pe.fexptime,
    pe.nexptime
FROM mydb..sample s
LEFT JOIN xSDSSDR7 x
    ON s.objid = x.sdssobjid
    AND x.distanceRank=1
    AND x.reverseDistanceRank=1
    AND x.multipleMatchCount=1
    AND x.reverseMultipleMatchCount=1
LEFT JOIN photoobjall g
    ON g.objid = x.objid
LEFT JOIN photoextract e
    ON e.photoextractid=g.photoextractid
WHERE e.mpstype='AIS'
```

Figura 3.8: *Query* para o *match* entre os objetos da amostra do *STARLIGHT* e *GALEX AIS*. A mesma *query* foi usada para o MIS, trocando apenas o nome da tabela para *galex_mis* e modificando a última linha para *e.mpstype='MIS'*.

3.5 Correções na fotometria UV

3.5.1 Poeira

Por que corrigir poeira?

Correção de poeira, #comofas?

Catálogo do *GALEX* provê os valores de índice de cor das galáxias com base no modelo de Schlegel et al. (1998) para a poeira interestelar.

A correção é feita usando a CCM (Cardelli et al. 1989).

Ver seção 2.2.2 da tese do Abilio.

$$A_{FUV} = 8,29E(B - V) \quad (3.1)$$

$$A_{NUV} = 8,18E(B - V) \quad (3.2)$$

Foi feita a correção para magnitude absoluta usando KCORRECT de Blanton & Roweis (2007).

Capítulo 4

Problemas astrofísicos

Gaivota com cores UV.

Onde caem as diferentes classes (star forming, retired, passivas, AGN, etc, ver ultimo paper do Cid Fernandes et al. (2011)) num diagrama parecido com o de Chilingarian & Zolotukhin (2011). Revisar o artigo.

(Retired != passivas) = legal!

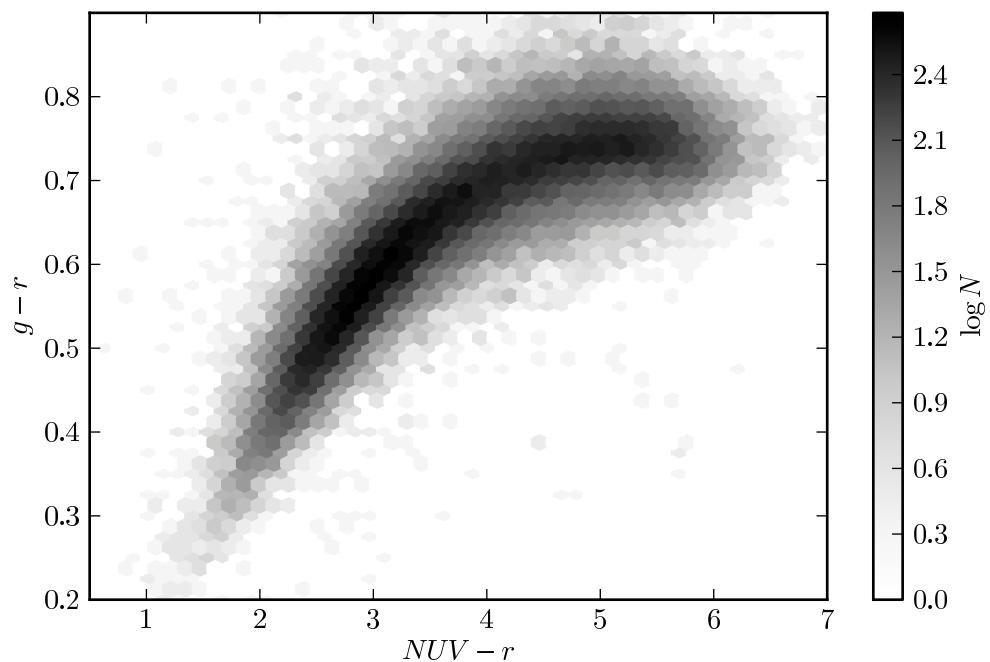


Figura 4.1: Densidade de galáxias em função de cor UV ($NUV - r$) e cor óptica ($g - r$). A intensidade dos bins hexagonais é o logaritmo do número de pontos dentro do bin, para melhorar a visualização. Foram selecionados objetos da amostra do *STARLIGHT* com magnitude na banda z entre -23 e $-21,5$ e *redshift* entre $0,04$ e $0,17$. As magnitudes g , r e z são do *SDSS*.

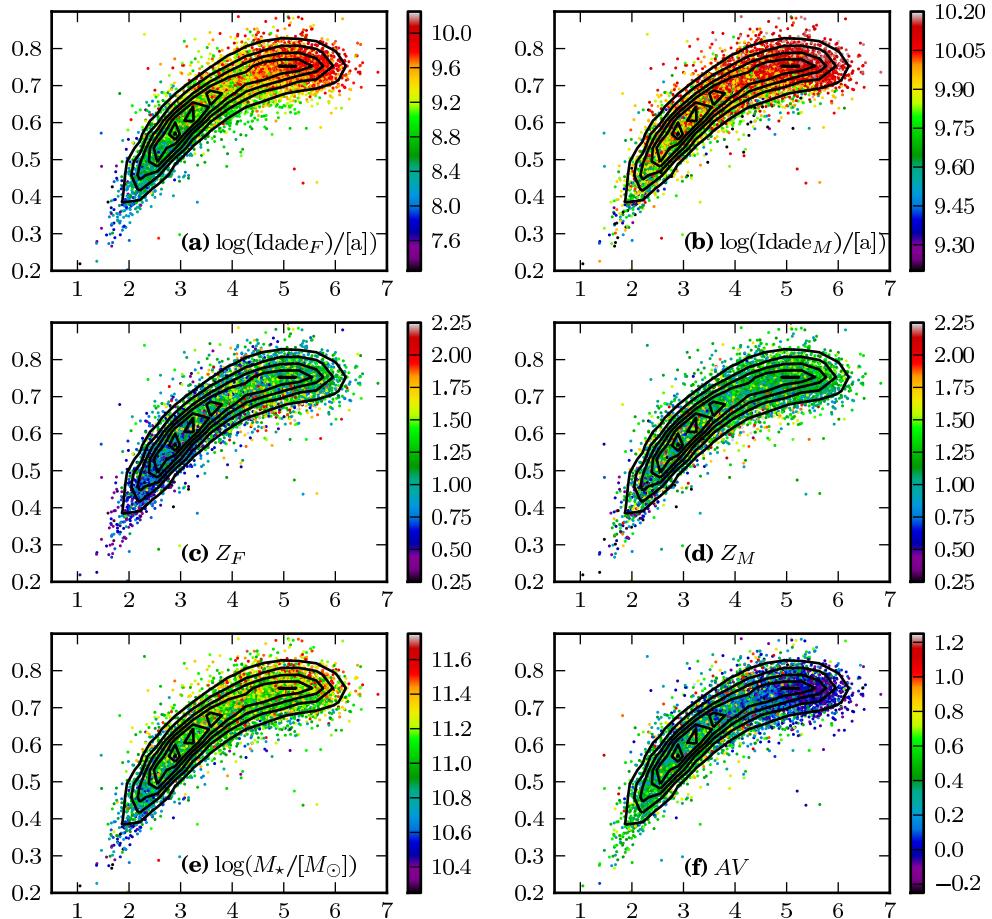


Figura 4.2: Parâmetros físicos das galáxias em função de cor UV e cor óptica. Foi utilizada a mesma amostra da figura 4.1. O contorno das figuras representam os níveis referentes à figura 4.1. As cores dos pontos nos painéis correspondem a:

- (a) Logaritmo da idade média da galáxia, ponderada pelo fluxo das SSP componentes.
- (b) O mesmo que a anterior, mas ponderada pela massa das SSP.
- (c) Metalicidade média da galáxia ponderada pelo fluxo das SSP componentes.
- (d) O mesmo que a anterior, ponderada pela massa das SSP.
- (e) Logaritmo da massa estelar da galáxia, em massas solares.
- (f) Extinção por poeira na galáxia, na banda V.

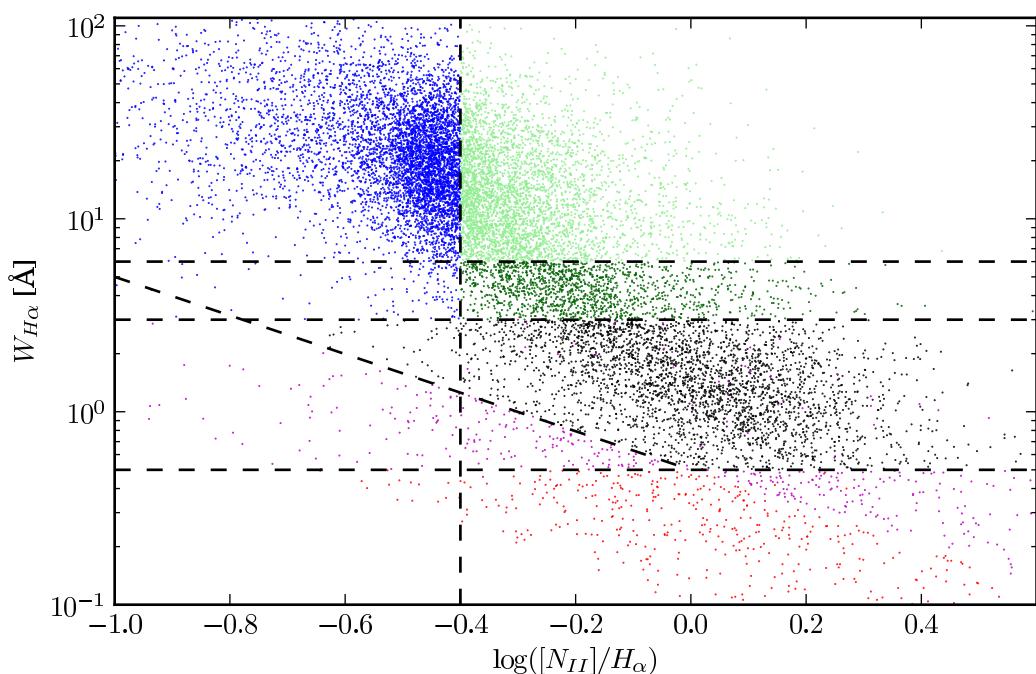


Figura 4.3: Diagrama de diagnóstico WHAN. As linhas tracejadas separam as galáxias em classes. **Azul:** galáxias de formação estelar (SF). **Verde claro:** galáxias com núcleo ativo forte (sAGN). **Verde forte:** galáxias com núcleo ativo fraco (wAGN). **Preto:** galáxias aposentadas (RG). **Vermelho:** galáxias passivas. **Magenta:** Galáxias que não se classificam em nenhuma destas classes.

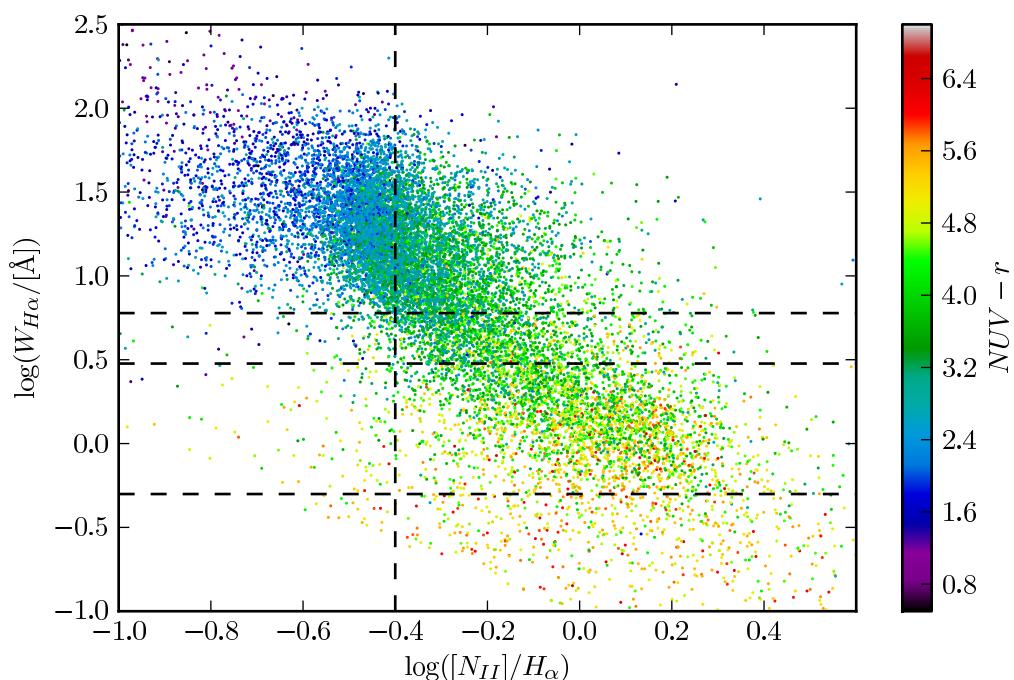


Figura 4.4: Diagrama WHAN semelhante ao da figura 4.3. A cor dos pontos representa a cor $NUV - r$. Galáxias de formação estelar são mais azuis do que as passivas, um resultado esperado.

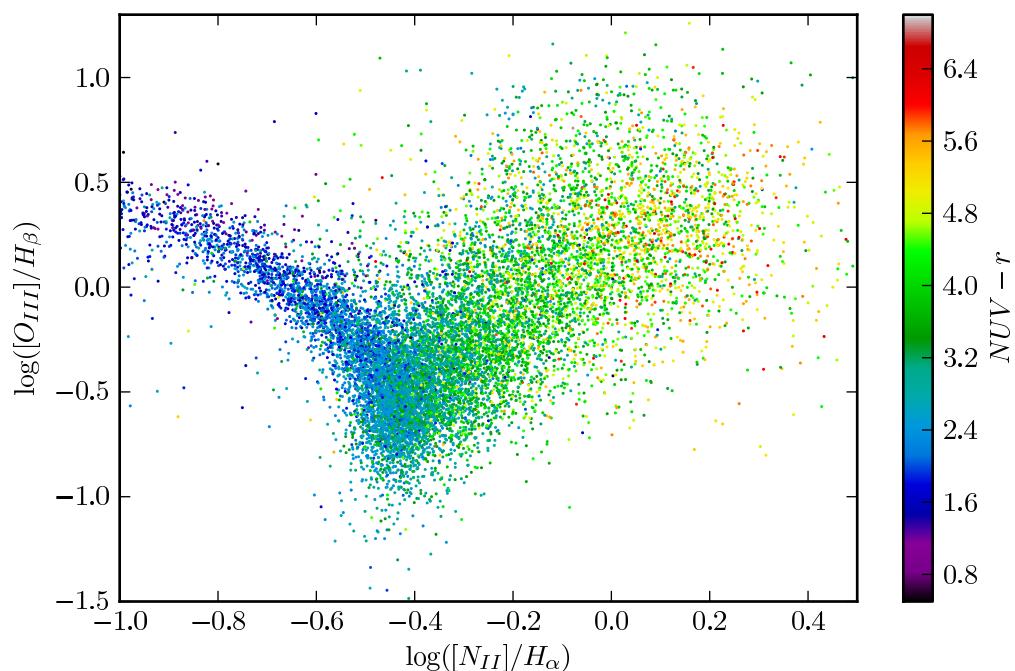


Figura 4.5: TODO: Cor $NUV - r$ no diagrama BPT, também usado para classificar as galáxias.

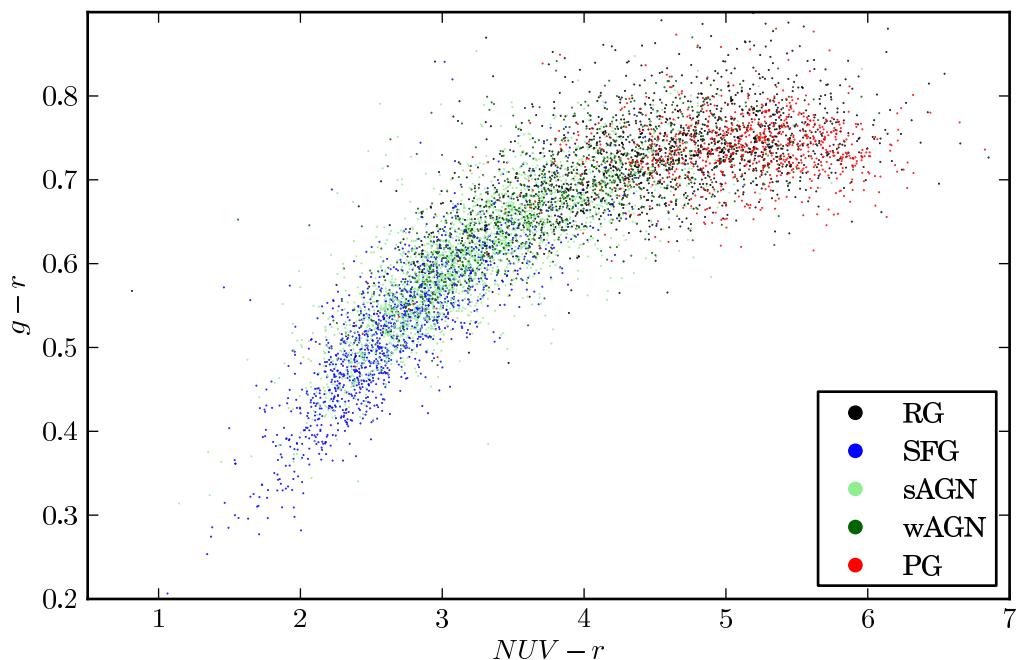


Figura 4.6: Classes de galáxias no diagrama cor–cor UV. As cores referentes às classes de galáxia são as mesmas do diagrama WHAN (figura 4.3). É possível notar uma separação entre as classes, embora não tão clara quanto no diagrama WHAN.

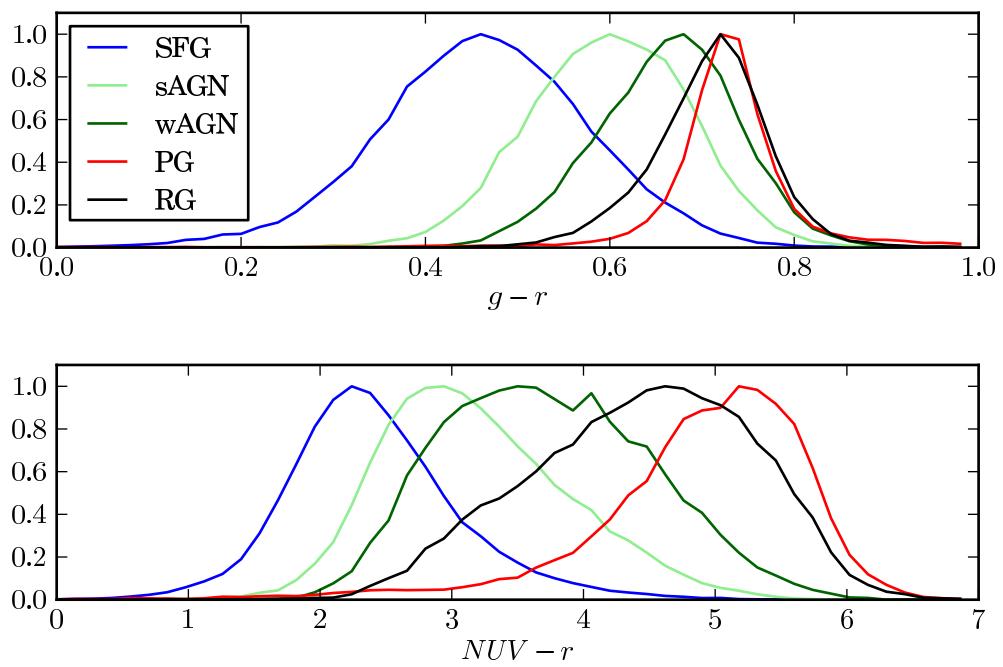


Figura 4.7: Histogramas das cores óptica ($g - r$) e ultravioleta ($NUV - r$) para as classes de galáxias. A cor das linhas representa a classe conforme a figura 4.3. Em ultravioleta a separação entre as classes de galáxias aposentadas (RG) e passivas (PG) torna-se mais clara. Note que os histogramas seguem o agrupamento das classes na figura 4.6.

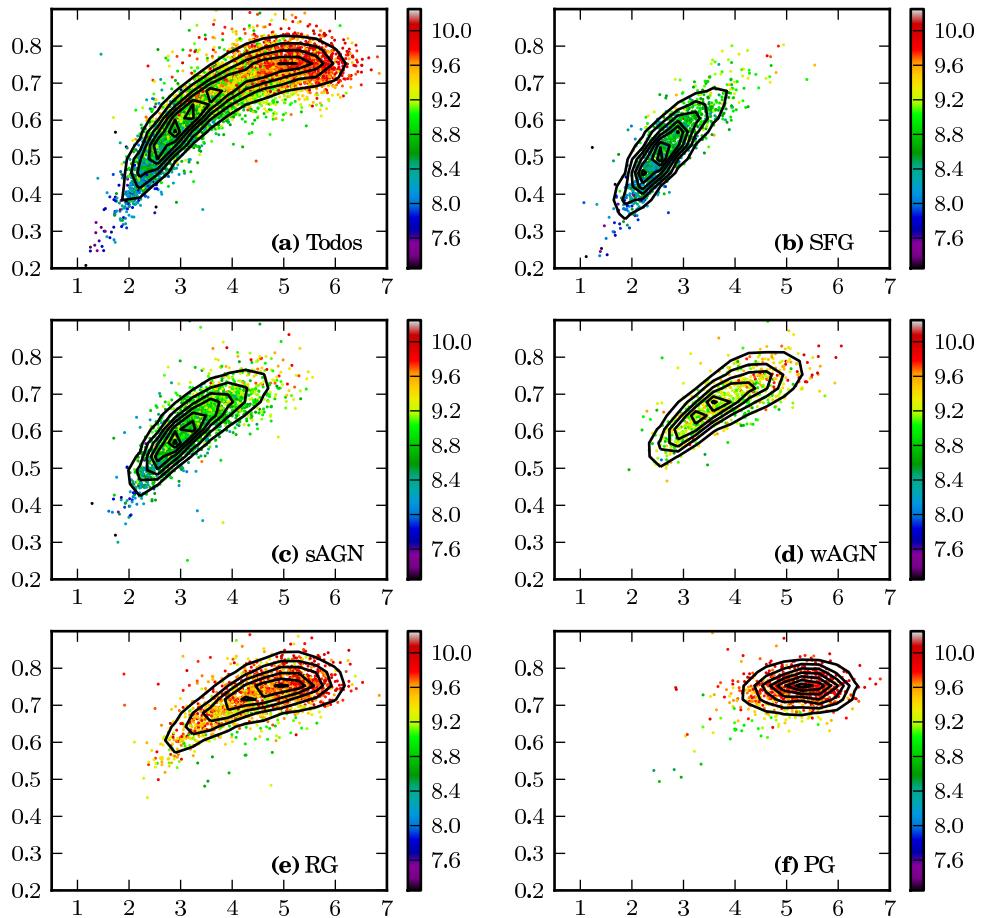


Figura 4.8: Idade média das galáxias ponderada em fluxo em função de cor UV e cor óptica. O painel (a) contém todas as galáxias da amostra. Os painéis de (b) a (f) contém apenas as galáxias com formação estelar (SF), AGN fortes (sAGN), AGN fracas (wAGN), galáxias aposentadas (RG) e galáxias passivas (PG), respectivamente. Os contornos indicam a densidade de galáxias. A idade média da distribuição vai aumentando conforme a classe, na sequência apresentada.

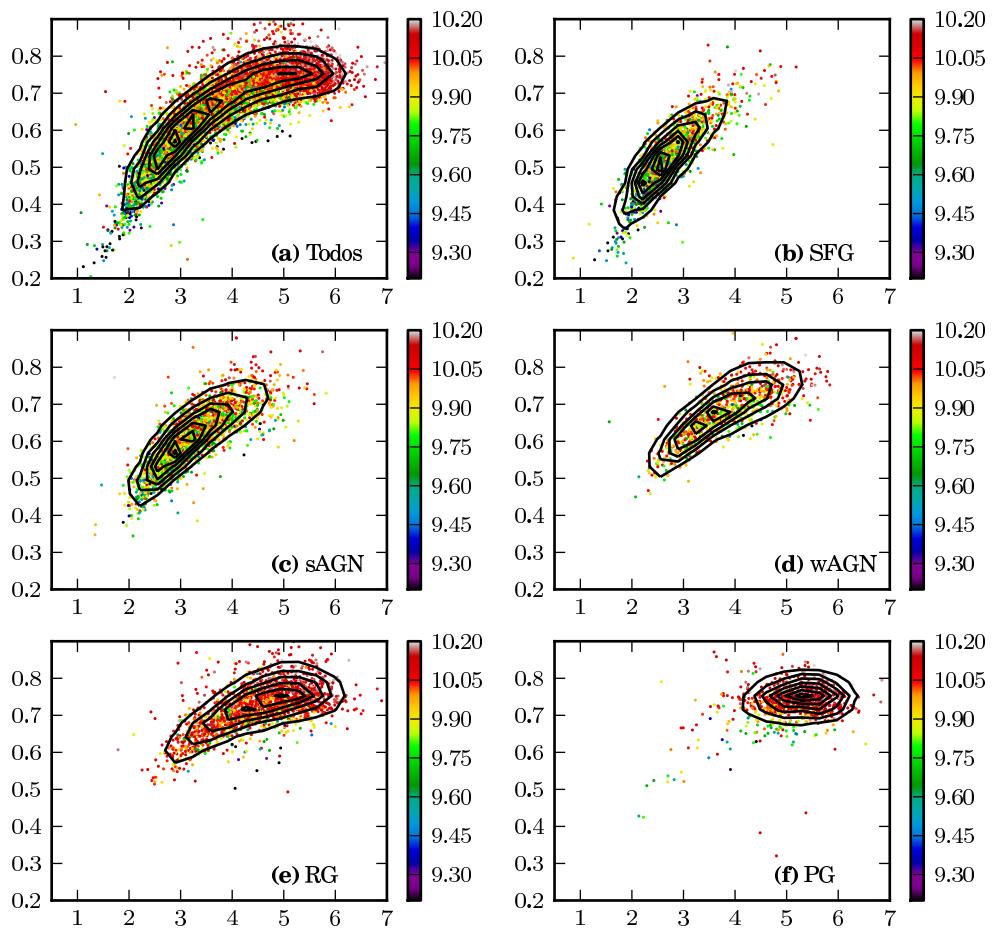


Figura 4.9: O mesmo que a figura 4.8, para a idade média das galáxias ponderada pela massa das SSP componentes. Note que a escala de idades não é a mesma.

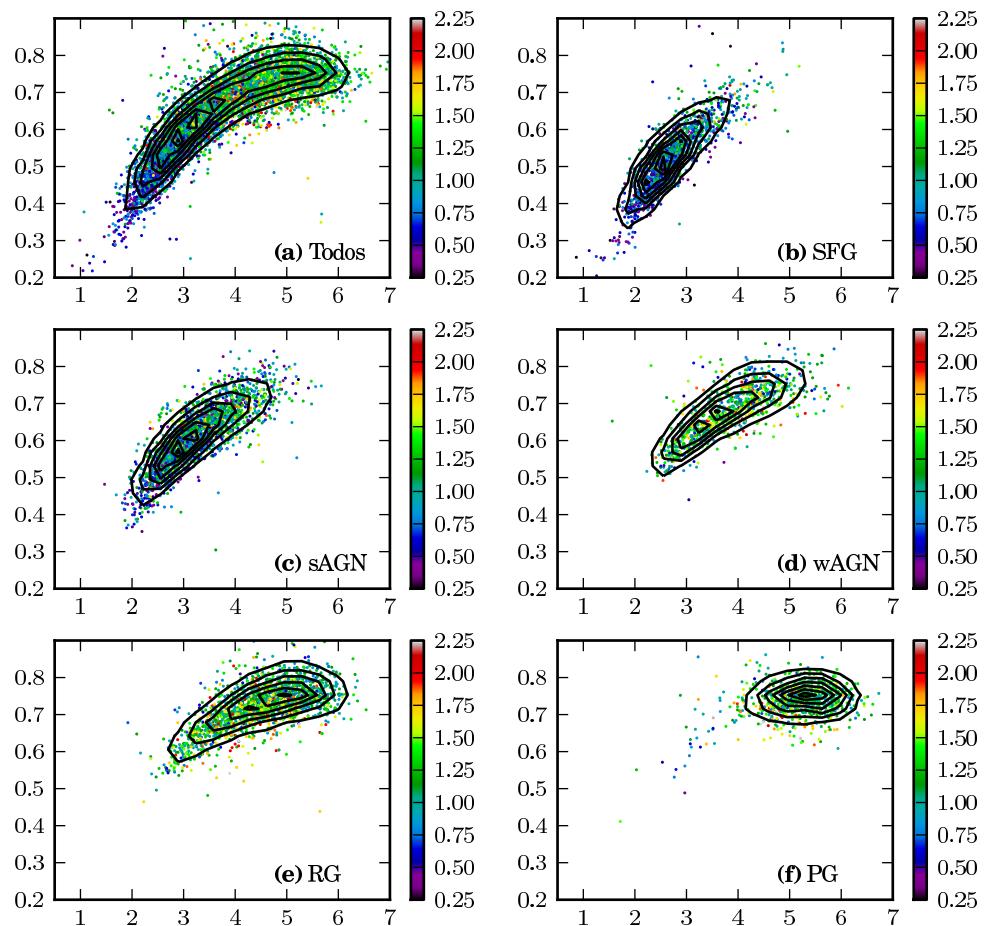


Figura 4.10: O mesmo que a figura 4.8, para a metalicidade média das galáxias ponderada pelo fluxo das SSP componentes.

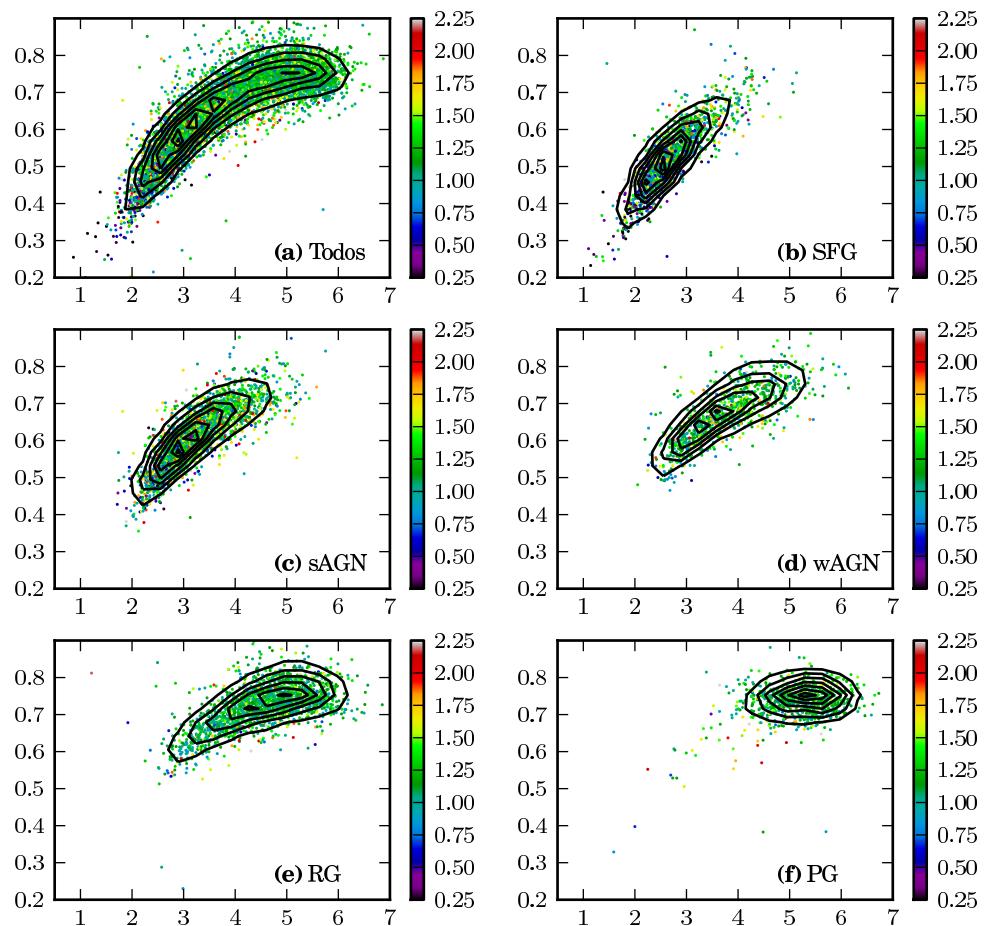


Figura 4.11: O mesmo que a figura 4.8, para a metalicidade média das galáxias ponderada pelo massa das SSP componentes.

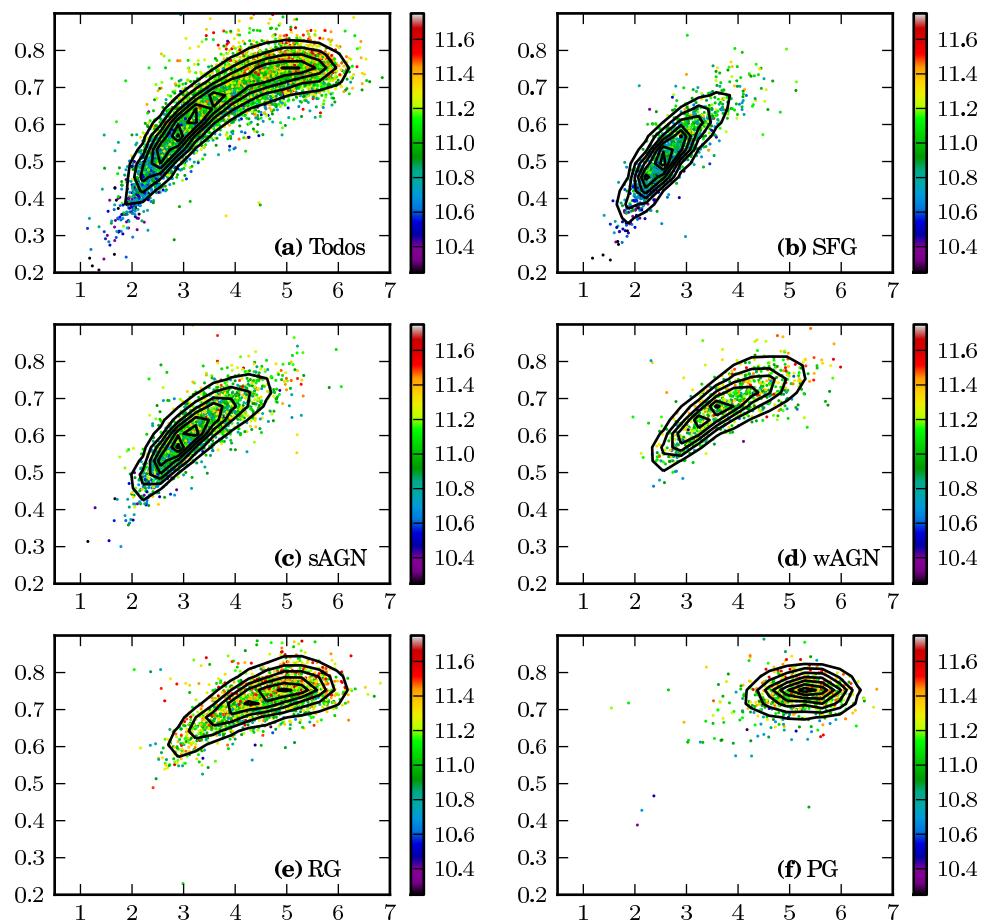


Figura 4.12: O mesmo que a figura 4.8, para o logaritmo da massa estelar das galáxias em massas solares.

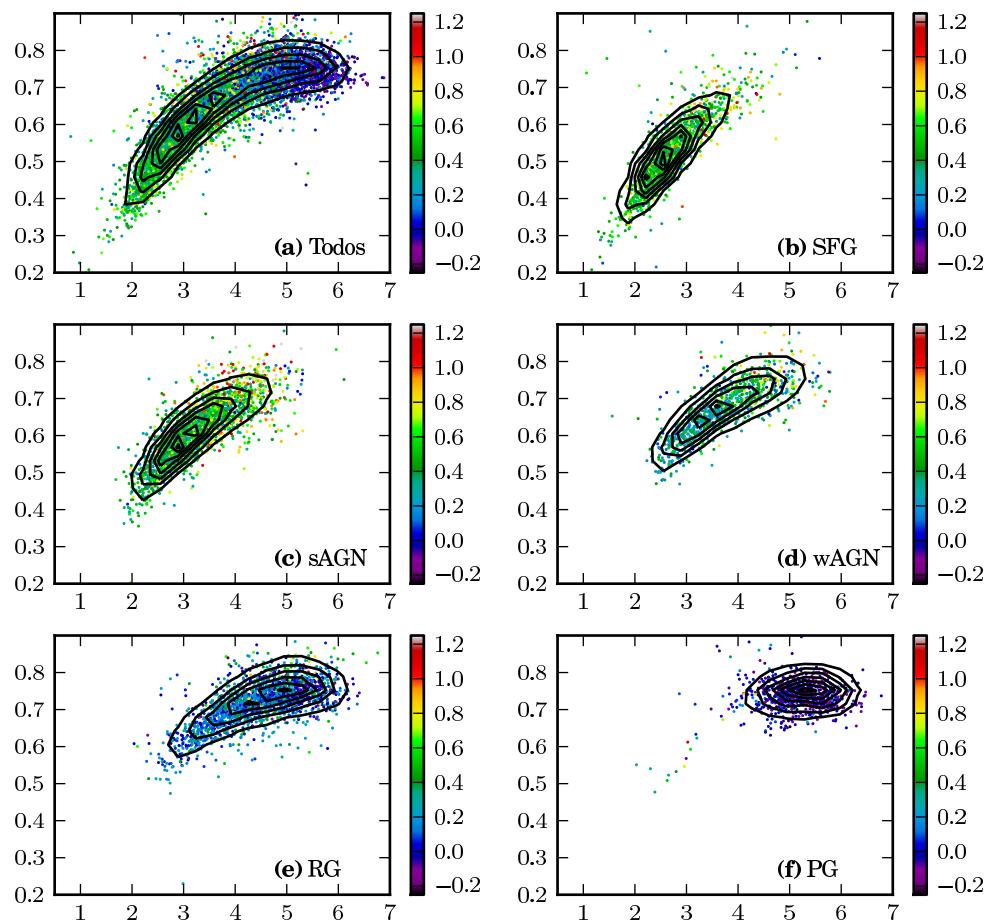


Figura 4.13: O mesmo que a figura 4.8, para a extinção por poeira na banda V das galáxias.

Capítulo 5

Conclusões e Perspectivas

5.1 Este trabalho

5.2 Trabalhos Futuros

Apêndice A

Anexo 1: Manual de acesso aos dados do STARLIGHT + GALEX

Não vai dar tempo.

Referências Bibliográficas

- Blanton, M. R. & Roweis, S. 2007, AJ, 133, 734
- Boksenberg, A., Evans, R. G., Fowler, R. G., Gardner, I. S. K., Houziaux, L., Humphries, C. M., Jamar, C., Macau, D. et al. 1973, MNRAS, 163, 291
- Born, A. J. 2010, in Society of Photo-Optical Instrumentation Engineers (SPIE) Conference Series, Vol. 7738, Society of Photo-Optical Instrumentation Engineers (SPIE) Conference Series
- Bowyer, S., Sasseen, T. P., Lampton, M., & Wu, X. 1993, ApJ, 415, 875
- Budavári, T., Heinis, S., Szalay, A. S., Nieto-Santisteban, M., Gupchup, J., Shiao, B., Smith, M., Chang, R. et al. 2009, ApJ, 694, 1281
- Budavári, T. & Szalay, A. S. 2008, ApJ, 679, 301
- Cardelli, J. A., Clayton, G. C., & Mathis, J. S. 1989, ApJ, 345, 245
- Carruthers, G. R. 1973, Appl. Opt., 12, 2501
- Chamberlin, D. D. & Boyce, R. F. 1974, in Proceedings of the 1974 ACM SIGFIDET (now SIGMOD) workshop on Data description, access and control, SIGFIDET '74 (New York, NY, USA: ACM), 249–264
- Chilingarian, I. & Zolotukhin, I. 2011, ArXiv e-prints
- Cid Fernandes, R., Mateus, A., Sodré, L., Stasińska, G., & Gomes, J. M. 2005, MNRAS, 358, 363
- Cid Fernandes, R., Stasińska, G., Mateus, A., & Vale Asari, N. 2011, MNRAS, 413, 1687
- Codd, E. F. 1970, Commun. ACM, 13, 377
- Code, A. D., Houck, T. E., McNall, J. F., Bless, R. C., & Lillie, C. F. 1970, ApJ, 161, 377
- Colless, M. 1999, in Large-Scale Structure in the Universe, ed. G. Efstathiou & et al., 105

- Henize, K. G., Wray, J. D., Parsons, S. B., Benedict, G. F., Bruhweiler, F. C., Rybski, P. M., & Ocallaghan, F. G. 1975, ApJ, 199, L119
- Kondo, Y. & Wamsteker, W. 1987, Exploring the universe with the IUE satellite, Astrophysics and space science library (D. Reidel)
- Kunszt, P. Z., Szalay, A. S., Csabai, I., & Thakar, A. R. 2000, in Astronomical Society of the Pacific Conference Series, Vol. 216, Astronomical Data Analysis Software and Systems IX, ed. N. Manset, C. Veillet, & D. Crabtree, 141–+
- Li, N. & Thakar, A. R. 2008, Computing in Science Engineering, 10, 18
- Maier, D., Stein, J., Otis, A., & Purdy, A. 1986, SIGPLAN Not., 21, 472
- Martin, D. C., Fanson, J., Schiminovich, D., Morrissey, P., Friedman, P. G., Barlow, T. A., Conrow, T., Grange, R. et al. 2005, ApJ, 619, L1
- Martin, D. C., Wyder, T. K., Schiminovich, D., Barlow, T. A., Forster, K., Friedman, P. G., Morrissey, P., Neff, S. G. et al. 2007, ApJS, 173, 342
- Morrissey, P., Conrow, T., Barlow, T. A., Small, T., Seibert, M., Wyder, T. K., Budavári, T., Arnouts, S. et al. 2007, ApJS, 173, 682
- Morrissey, P., Schiminovich, D., Barlow, T. A., Martin, D. C., Blakkolb, B., Conrow, T., Cooke, B., Erickson, K. et al. 2005, ApJ, 619, L7
- Norris, R. P. 2010, ArXiv e-prints
- O'Mill, A. L., Duplancic, F., García Lambas, D., & Sodré, Jr., L. 2011, MNRAS, 413, 1395
- Schiminovich, D., Wyder, T. K., Martin, D. C., Johnson, B. D., Salim, S., Seibert, M., Treyer, M. A., Budavári, T. et al. 2007, ApJS, 173, 315
- Schlegel, D. J., Finkbeiner, D. P., & Davis, M. 1998, ApJ, 500, 525
- Skrutskie, M. F., Cutri, R. M., Stiening, R., Weinberg, M. D., Schneider, S., Carpenter, J. M., Beichman, C., Capps, R. et al. 2006, AJ, 131, 1163
- Stecher, T. P., Cornett, R. H., Greason, M. R., Landsman, W. B., Hill, J. K., Hill, R. S., Bohlin, R. C., Chen, P. C. et al. 1997, PASP, 109, 584
- Szalay, A. S., Gray, J., Thakar, A. R., Kunszt, P. Z., Malik, T., Raddick, J., Stoughton, C., & vandenBerg, J. 2002, in Proceedings of the 2002 ACM SIGMOD international conference on Management of data, SIGMOD '02 (New York, NY, USA: ACM), 570–581
- Thakar, A. R., Szalay, A. S., Kunszt, P. Z., & Gray, J. 2004, eprint arXiv:cs/0403020
- van Duinen, R. J., Aalders, J. W. G., Wesselius, P. R., Wildeman, K. J., Wu, C. C., Luinge, W., & Snel, D. 1975, A&A, 39, 159

Wright, E. L., Eisenhardt, P. R. M., Mainzer, A. K., Ressler, M. E., Cutri, R. M., Jarrett, T., Kirkpatrick, J. D., Padgett, D. et al. 2010, AJ, 140, 1868

Wyder, T. K., Martin, D. C., Schiminovich, D., Seibert, M., Budavári, T., Treyer, M. A., Barlow, T. A., Forster, K. et al. 2007, ApJS, 173, 293

York, D. G., Adelman, J., Anderson, Jr., J. E., Anderson, S. F., Annis, J., Bahcall, N. A., Bakken, J. A., Barkhouser, R. et al. 2000, AJ, 120, 1579